

Texto de Teatro

O TARTUFO

(Le Tartuffe)

Molière

(Jean-Baptiste Poquelin)

Distribuído através do portal de teatro www.oficinadeteatro.com

Personagens (1):

SENHORA PERNELLE, Mãe de Orgon

ORGON, marido de Elmire

ELMIRE, mulher de Orgon

DAMIS, filho de Orgon

MARIANE, filha de Orgon e apaixonada de Valère

VALÈRE, apaixonado de Mariane

CLÉANTE, cunhado de Orgon

TARTUFO, (2) falso devoto

DORINE, dama de companhia de Mariane

O SENHOR LOYAL, sargento

FLIPOTE, criada da senhora Pernelle

A cena se passa em Paris.

ATO I

Cena I

A Senhora Pernelle e Flipote, (3) sua criada, Elmire, Mariane, Dorine, (4) Damis, Cléante.

SENHORA PERNELLE

Vamos, Flipote, vamos, quero livrar-me deles.

ELMIRE

A senhora anda tão depressa que mal posso acompanhá-la.

SENHORA PERNELLE

Deixe, minha nora, deixe-me, não continue: de cerimônias é que não tenho necessidade.

ELMIRE

Estou somente pagando o que lhe devo. Mas, minha mãe, que motivo a fez deixar esta casa tão depressa?

SENHORA PERNELLE

É que não suporto mais isso. Ninguém se preocupa em agradar-me. É isso mesmo, deixo sua casa escandalizada: contrariam-me em todas as observações, não respeitam nada, cada qual fala mais alto; parece até a casa da sogra!

DORINE

Se...

SENHORA PERNELLE

Você minha cara, é uma dama de companhia (5) bastante impertinente e tem a língua um tanto solta: quer dar opinião em tudo.

DAMIS

Mas...

SENHORA PERNELLE

Você é um tolo perfeito, sou eu mesma quem lho diz, eu que sou sua avó; e já disse cem vezes ao meu filho, seu pai, que você está tomando ares desavergonhados e predisse que só haveria de lhe causar desgostos.

MARIANE

Eu acho...

SENHORA PERNELLE

Deus meu, como irmã dele, você finge a discreta e com essa aparente doçura é incapaz de ferir alguém; mas não há, como dizem, água pior do que a água parada e você leva às escondidas uma vida que não tolero.

ELMIRE

Mas, minha mãe...

SENHORA PERNELLE

Minha nora, não me leve a mal, mas seu comportamento é péssimo, em tudo; você deveria pôr-lhes um bom exemplo diante dos olhos; a defunta mãe deles (6) agia muito melhor. Você é gastadeira; e esse estadão (7) me choca; não posso vê-la vestida como se fosse uma princesa. Aquela que só quer agradar ao marido, minha nora, não necessita de tantos atavios.

CLÉANTE

Mas, senhora, afinal de contas...

SENHORA PERNELLE

Quanto ao senhor seu irmão, eu o aprecio muito, estimo-o e reverencio-o; mas enfim, se eu fosse meu filho, seu esposo, lhe pediria, com insistência, que não pusesse mais os pés em nossa casa. O senhor nos importuna, sem cessar, com certas máximas de bem viver, que gente honesta não deveria nunca seguir. Falo-lhe com certa franqueza; mas esse é o meu feitio e não meço minhas palavras para dizer o que me vai na alma.

DAMIS

O tal senhor Tartufo é bem feliz, sem dúvida...

SENHORA PERNELLE

É um homem de bem, que deve escutar; e não posso admitir, sem ficar irritada, que um maluco como você se meta a criticá-lo.

DAMIS

O quê? Como admitiria eu que um crítico beato viesse exercer aqui dentro um poder tirânico, e, além disso, que não pudéssemos nos divertir como bem quiséssemos, caso esse grão-senhor não nos permitisse?

DORINE

Se tivermos de escutá-lo e seguir-lhe as máximas, nada se pode fazer sem que se cometam crimes, pois esse crítico zeloso se mete a controlar tudo.

SENHORA PERNELLE

E tudo o que controla está muito com controlado. É ao caminho do Céu que pretende conduzi-los e meu filho devia induzir a amá-lo.

DAMIS

Ora, vamos, minha mãe, não há paia nem ninguém que possa obrigar-me a querer bem a esse sujeito; trairia meus sentimentos, se falasse de outro modo; a todo momento fico encolerizado com sua maneira de agir e estou prevendo que a coisa não ficará por aí; e sei que vou ter que me haver com um grosseirão como esse.

DORINE

É verdade, é coisa que escandaliza ver um desconhecido dar-se ares de patrão aqui dentro; um miserável que, quando chegou aqui, nem mesmo sapatos tinha e cuja roupa não valia seis vinténs; imagine chegar ao ponto de não reconhecer o que é, ser do contra em tudo e bancar o senhor.

SENHORA PERNELLE

Que Deus tenha piedade de mim. Tudo iria muito melhor se tudo fosse governado por suas piedosas ordens.

DORINE

Não sua imaginação passa por santo, mas, acredite-me, toda a sua maneira de ser não passa de hipocrisia.

SENHORA PERNELLE

Veja só que língua!

DORINE

Só confiaria nele e no tal Laurent com uma boa garantia.

SENHORA PERNELLE

Ignoro, no fundo, o que o criado possa ser; mas homem de bem garanto que o patrão o é. Vocês lhe querem mal e o repelem só porque ele diz a verdade a todos vocês. O coração se lhe irrita contra o pecado, e o que o guia é somente o interesse do C~eu.

DORINE

Está bem. Mas por que, principalmente de certo tempo para cá, não quer mais tolerar que ninguém freqüente a casa? No que pode oferecer ao Céu uma visita honesta, para ele fazer um barulho que nos arreventa os miolos? Querem que eu me explique a esse respeito cá entre nós? Acho que ele tem ciúmes da senhora.

SENHORA PERNELLE

Cale-se e pense no que está dizendo. Não é ele comente quem provoca tais visitas. Todo o rebuliço que acompanha essa gente que vocês freqüentam, as carruagens continuamente paradas diante da porta, e o aglomerado barulhento de tantos lacaios, fazem um vozerio bastante incômodo, para toda a vizinhança. Quero crer que no fundo não há nada de mais, mas afinal de contas falam, e isso não fica bem.

CLÉANTE

Ora essa, senhora, quer impedir que se converse? Seria muito desagradável se, na vida, tivéssemos de renunciar aos melhores amigos por causa dos tolos falatórios em que a gente

pode ficar envolvida. E, ainda mesmo que se pudesse conseguir isso, a senhora pensa que se poderia obrigar todo o mundo a calar-se? Não há como garantir-se contra calúnia. Não nos preocupemos com os mexericos tolos; esforcemo-nos por viver em completa inocência, dando aos faladores plena liberdade.

DORINE

Não será Daphné e o maridinho dela que falam mal de nós? Aqueles cuja conduta mais se presta ao ridículo são sempre os que se metem a falar mal dos outros. Estão sempre prontos a observar o mais leve indício de simpatia para com alguém, espalham a notícia com o maior açodamento, desvirtuando as coisas a seu talante e apresentando-as como querem que sejam vistas. Julgam poder justificar as próprias ações neste mundo, dando às dos outros o colorido que lhes convêm, e procuram inocentar as próprias intrigas com a ilusória esperança de parecerem íntegros; ou então fazer recair alhures algumas migalhas esparsas dessa reprovação pública, que os sobrecarrega em demasia.

SENHORA PERNELLE

Todos esses raciocínios nada têm a ver com o assunto. Todos sabem que Orante leva vida exemplar. Todos os seus cuidados convergem para o Céu; e eu soube, por certas pessoas, que ela condena extremamente a vida que se leva nesta casa.

DORINE

O exemplo é admirável e esta dama é boa! É verdade que vive como pessoa austera, mas foi a idade que lhe meteu na alma esse zelo ardente e sabe-se que é pudica contra a própria vontade. Enquanto pôde atrair as homenagens de muitos corações, gozou de todas as vantagens de que dispunha; vendo, porém, diminuir o brilho de seus olhos, propõe-se renunciar ao mundo que a abandona, mascarando a debilidade de seus atrativos já gastos com o véu pomposo de uma grande sabedoria. São essas as vicissitudes das coquetes do tempo. Para elas é duro ver os galantes baterem em retirada. Em tal abandono, a sombria inquietação não lhes concede outro recurso senão o de representar o papel de mulher pudica; e a severidade dessas mulheres de bem tudo censura e nada perdoa; censuram acerbamente a vida de qualquer um, não por caridade mas impelidas pela inveja, que não poderia permitir que outra gozasse dos prazeres, cujos desejos o declínio da idade já extinguiu. (8)

SENHORA PERNELLE

Aí estão os contos da carochinha em que você se compraz. Minha nora, a gente em sua casa sente-se obrigada a calar a boca, pois a dona não se cansa de tagarelar o dia inteiro. Mas, afinal de contas, também pretendo discorrer por minha vez. Devo dizer-lhe que meu filho não fez nada de mais sensato do que recolher na própria casa tão devoto personagem; que o Céu aqui o enviou, por necessidade, para conduzir ao bom caminho o espírito transviado de todos; vocês devem ouvi-lo para a própria salvação e ele nada censura que não se deva censurar. Estas visitas, estes bailes, estas conversas são invenções do espírito maligno. Nunca se ouvem palavras piedosas; são assuntos ociosos, canções e frioleiras; quase sempre o próximo é o mais visado e lá se fala mal de um terceiro tanto quanto de um quarto. Enfim, as pessoas sensatas ficam até tontas com a confusão dessas reuniões. Num abrir e fechar de olhos, lá se fazem mil mexericos. E como outro dia disse muito bem um doutor, é verdadeiramente a torre de Babel, todo o mundo tagarela a propósito de tudo e

para contar a história a que o levou essa questão... (9) Mas não é que aquele senhor já está rindo com ar de mofa! Procure outros palhaços que o façam rir. E sem mais... Adeus, minha nora; não quero dizer mais nada. Fiquem sabendo que reduzirei à metade minhas visitas a esta casa e decorrerá bom tempo antes que aqui ponha os pés novamente. (*Dando uma bofetada em Flipote*) Vamos, você com esse ar embasbacado, aí, sonhando! Por Deus! Hei de dar-lhe uma lição. Vamos, porcalhona, ande.

Cena II

Cléante, Dorine

CLÉANTE

Não quero ir lá, receio que ela ainda venha a brigar comigo. Esta velha... (10)

DORINE

Ah! Decerto, é pena que ela não o ouça fazer uso de tal linguagem. Dir-lhe-ia que o acha engraçado e que não tem idade para merecer semelhante tratamento.

CLÉANTE

Como se aborreceu conosco por um nada! E como parece enfeitiçada por seu Tartufo!

DORINE

Oh! Para falar a verdade, tudo isso nada é em comparação com o filho, se o tivesse visto, o senhor diria: é bem pior! Tinham-no em conta de homem sensato pela coragem que demonstrou servindo o príncipe; mas ficou como que embotado desde que se lhe meteu na cabeça o tal Tartufo; (11) chama-o de irmão, e dedica-lhe maior estima do que à mar, filho, filha ou mulher. É dos seus segredos o único confidente e o diretor prudente de todos os seus atos; anima-o, abraça-o, e creio que por uma amante, não se teria mais ternura; quer vê-lo sentado à mesa no lugar mais importante; é com prazer que o vê comer por seis pessoas; os melhores pedaços obriga-nos a ceder-lhe e se dá um arrotto diz-lhe: “Deus o ajude!”

(É uma criada quem fala.)

Enfim, está doido por ele; é o seu tudo, seu herói; admira-o a propósito de tudo, cita-o em todas as ocasiões; parecem-lhe milagres seus atos mais insignificantes e todas as palavras por ele pronunciadas são o mesmo que oráculos. O tal, que conhece bem sua vítima e que dela quer aproveitar-se, possui a arte de ofuscá-la com falsas aparências; com as suas beatices arranca-lhe dinheiro a todo instante e critica-nos a todos como igual. Até mesmo o tal bobão que lhe serve de criado mete-se a dar-nos lições; com olhares terríveis vem fazer-nos sermões e joga fora as nossas fitas, nosso ruge e nossas moscas. No outro dia, o traidor rasgou com as próprias mãos um lenço (12) que achou num volume de *Fleur des Saints* (13) dizendo que misturávamos, - oh crime hediondo! – adornos do diabo com a santidade.

Cena III*Elmire, Mariane, Damis, Cléante, Dorine***ELMIRE**

Você deve dar-se por feliz por não ter chegado enquanto ela nos fazia um sermão na porta da rua. Mas vi meu marido! Como ele não me viu, quero ir para cima espera-lo. (14)

CLÉANTE

Quanto a mim, espero-o aqui, pois não pretendo divertir-me tanto e vou somente dar-lhe bom dia.

DAMIS

Diga-lhe alguma coisa acerca do casamento de minha irmã. Suspeito que Tartufo se opõe à sua realização, e obriga meu pai a dar grandes rodeios; e você não ignora o interesse que tenho nesse caso. Se o mesmo amor inflama minha irmã e Valère, você bem sabe que a irmã desse amigo me é cara; e se fosse preciso...

DORINE

Lá vem ele.

Cena IV (15)*Orgon, Cleante, Dorine***ORGON**

Ah! Meu irmão, bom dia.

CLÉANTE

Já estava de saída e alegro-me em vê-lo de volta. Nessa época, os campos não estão muito floridos.

ORGON

Dorine... Meu cunhado, esperem por favor: para me aliviar a preocupação, deixem que me informe das novidades da casa. Nesses dois dias como foi tudo por aqui? Que é que fizeram? Como vão todos?

DORINE

A senhora anteontem teve febre até de tarde com uma dor de cabeça difícil de conceber.

ORGON

E Tartufo?

DORINE

Tartufo? Passa admiravelmente. Gordo e corpulento, tez viçosa e boca vermelha.

ORGON

Pobre homem!

DORINE

À tarde, ela ficou muito enjoada e, no jantar, nada pôde provar, tão forte a dor de cabeça que ainda a atacava.

ORGON

E Tartufo?

DORINE

Ceou, sozinho diante dela, devorando, mui devotamente, duas perdizes e meio guisado de perna de carneiro.

ORGON

Pobre homem!

DORINE

Ela passou a noite inteira sem poder pregar olho; uns calores que sentia impediram-na de cochilar e foi preciso ficar perto dela até o amanhecer.

ORGON

E Tartufo?

DORINE

Ao sair da mesa, impelido por agradável sono, passou para o quarto e meteu-se logo na cama bem quente, onde, sem se mexer, dormiu até o dia seguinte.

ORGON

Pobre homem!

DORINE

Afinal, convencida pelo que dissemos, ela resolveu permitir a sangria, o que a aliviou.

ORGON

E Tartufo?

DORINE

Recobrou coragem como convém, e fortificando a alma contra todos os males, para compensar o sangue que a senhora perdeu, bebeu, no almoço, quatro bons copos de vinho.

ORGON

Pobre homem! (16)

DORINE

Enfim, ambos gozam de boa saúde; e vou antecipadamente anunciar à senhora, o interesse que demonstra pela sua convalescença.

Cena V

Orgon, Cléante

CLÉANTE

Meu irmão, ela rir de você no seu nariz; e sem pretender irritá-lo, devo dizer-lhe com toda franqueza, que o faz com justiça. Já se ouviu falar do capricho semelhante? E pode-se hoje em dia conceber que um homem tenha tal encanto que o faça esquecer de tudo o mais, e que depois de ter ele remediado, em sua casa, a própria miséria, você chegue ao ponto de ?...

ORGON

Alto lá! Meu cunhado: você não conhece o homem de quem fala.

CLÉANTE

Não conheço, se assim o quer; mas, enfim, para saber que espécie de homem pode ser...

ORGON

Meu irmão, você ficaria encantado se o conhecesse e seu encantamento nunca mais acabaria. É um homem... que... ah! um homem... enfim um homem! (17) que age conforme fala, goza de paz profunda e como que da estrumeira (18) olha para todo o mundo. Sinto-me outro depois que converso com ele. Ele me ensina a não ter afeição por nada e fasto minha alma de todas as amizades; e eu veria morrer irmão, filhos, mãe, esposa, sem me preocupar a mínima com isto.

CLÉANTE

Que sentimentos humanos, meu irmão!

ORGON

Ah! se você tivesse visto como o encontrei, passaria a mostrar-lhe a mesma amizade que lhe dedico. Vinha diariamente à igreja, com ar submisso, bem à minha frente, pôr-se de joelhos. Chamava a atenção de todos pelo ardor com que dirigia ao Céu suas preces; suspirava com enormes transportes e beijava humildemente o chão a todo instante; e quando eu saía, passava-me depressa à frente para me oferecer água benta. Tomando conhecimento, pelo criado que em tudo o imitava, da indignação em que vivia e sabedor do tipo de pessoa que ele era, eu dava-lhe donativos; mas, com modéstia, pretendia sempre devolver-me uma parte. “É demais, dizia-me, mesmo a metade è demasiado; não mereço que se compadeça de mim”. E quando eu recusava receber de volta a metade, na minha presença distribuía-a aos pobres. Enfim, o Céu fez com que eu o trouxesse para casa, e desde então aqui tudo parece prosperar. Veja que tudo ele censura e toma, para minha honra, interesse extremo, mesmo por minha mulher; avisa-me acerca das pessoas que lhe

lançam olhares doces (19) e mostra-se seis vezes mais ciumento do que eu mesmo. Mas você não poderia acreditar até onde vai seu zelo; para ele é pecado a menor bagatela; um quase nada é suficiente para escandaliza-lo; outro dia, chegou ao ponto de acusar-se de ter apanhado uma pulga enquanto rezava e de a ter morto com cólera exagerada. (20)

CLÉANTE

Com os diabos! você está louco, meu irmão. Está zombando de mim com tais histórias? E que pretende você com todos esses gracejos?

ORGON

Meu irmão, esse discurso cheira a libertinagem: você está corrompido e , como lhe mostrei mais de dez vezes, ainda vai arranjar complicação.

CLÉANTE

É assim que se exprimem os de sua laia: querem que todos fiquem cegos como eles. É ser libertino ter olhos que enxerguem; e quem não adora vãs simulações não tem respeito nem fé pelo que é sagrado. Ora bolas! Todos os seus discursos não me metem medo: sei como falo e o Céu vê meu coração, e de todos esses amaneirados, não me considero escravo. Acontece com os falsos devotos o que se dá com os falsos bravos; como não vê aonde a honra os leva, os bravos verdadeiros não são os que fazem muito barulho, nem os devotos bons e verdadeiros, cujas pegadas devem ser seguidas, são os que fazem tanto alarde. Mas como? Você não fará qualquer distinção entre a hipocrisia e a devoção?

Você trata a ambas com a mesma linguagem e presta as mesmas honras à máscara e ao rosto, iguala o artifício à sinceridade, confunde a aparência com a verdade, estima a sombra tanto quanto a pessoa e o dinheiro falso tanto quanto o verdadeiro? Estranha é a maioria dos homens! Nunca são vistos em suas justas proporções; a razão para eles tem limites muito estreitos; ultrapassam esses limites e cada instante e o que há de mais nobre estragam-no muitas vezes por quererem exagera-lo e leva-lo muito avante. Que isso lhe seja dito de passagem, meu cunhado.

ORGON

Sim, sem dúvida, você é um doutor que merece ser reverenciado; todo o saber do mundo concentrou-se em você. Você é o único sábio, o único esclarecido, um oráculo, um Catão no século em que vivemos. E, perto de você, todos os homens são uns tolos.

CLÉANTE

Meu irmão, não me julgo um doutor reverenciado, nem todo o saber do mundo concentrou-se em mim. Mas, em uma palavra, sei que toda a minha ciência consiste em distinguir o falso do verdadeiro. E como não conheço nenhuma espécie de herói que mereça mais louvor do que os devotos perfeitos, e que nada no mundo existe de mais nobre e mais belo que o santo fervor de zelo verdadeiro, assim também não sei de nada que seja mais odioso do que a aparência emplastrada de um zelo especioso, do que esses rematados charlatões, do que esses devotos de praça pública, (21) cuja carantonha sacrílega e enganadora ilude impunemente e zomba à vontade daquilo que os mortais têm de mais santo e sagrado; essas pessoas, por terem a alma submissa aos interesses, fazem da devoção profissão e mercadoria, pretendendo adquirir crédito e dignidade às custas de falsas piscadelas e entusiasmos dissimulados; essas pessoas, afirmo, que se vêem correr, com ardor pouco

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

